

O EVANGELHO SEGUNDO PEDRO

Os fragmentos do Evangelho de Pedro, sem as partes inicial e final, foram descobertos no século XIX, na tumba de um monge cristão, em Akhimin, no Alto Egito. Sua origem remonta ao período anterior a 150 e pouco acrescenta aos Evangelhos canônicos. Justino conhecia a existência deste texto e Serapion, bispo de Antióquia, reporta tê-lo encontrado em sua diocese, em 190.

O EVANGELHO SEGUNDO PEDRO

Dentre os judeus, porém, ninguém lavou as mãos; nem Herodes nem nenhum outro daqueles juizes. E, por não quererem lavar-se, Pilatos levantou-se. O rei Herodes mandou que se encaregassem do Senhor, dizendo-lhes: "Executai o que acabo de ordenar que façais com ele".

José, o amigo de Pilatos e do Senhor, encontrava-se ali na ocasião. E sabendo que iam crucificá-lo, aproximou-se de Pilatos para pedir o corpo do Senhor para levá-lo à sepultura. Pilatos, por sua vez, mandou um recado a Herodes e pediu-lhe o corpo de Jesus.

Herodes disse: "Irmão Pilatos, mesmo que ninguém o houvesse reclamado, nós mesmos ter-lhe-íamos dado sepultura, pois já se aproxima o Sabat e está escrito na lei que o sol não deve se pôr-se sobre um justicado". E com isso, entregou-o ao povo no dia anterior ao dos Ázimos, sua festa.

Eles, segurando o Senhor, davam-lhe empurrões e diziam: "Arrastemos o Filho de Deus, já que ele veio cair em nossas mãos".

Depois vestiram-no de púrpura e fizeram com que ele se sentasse no tribunal, dizendo: "Julga com equidade, ó rei de Israel".

Um deles trouxe uma coroa de espinhos e colocou-a na cabeça do Senhor. Alguns dos presentes cuspiram-lhe no rosto, enquanto outros davam-lhe bofetadas na face. Outros ainda o feriam com um pau e havia quem lhe batesse, dizendo: "Esta é a homenagem que rendemos ao Filho de Deus".

Depois, levaram dois ladrões e crucificaram o Senhor no meio deles, mas ele permanecia calado como se não sentisse dor alguma. Quando prepararam a cruz escreveram em cima: "Este é o rei de Israel".

Depositadas as vestes diante dele, dividiram-nas em lotes e deitaram os dados sobre elas. Um daqueles malfetores, porém, repreendeu-os, dizendo: "Nos sofremos assim pelas iniquidades que fizemos, mas este, que veio para ser o Salvador dos homens, em que pode havê-los prejudicado?"

Indignados contra ele, ordenaram que não lhe quebrassem as pernas para que morresse entre tormentos. Era então meio-dia e a escuridão tomou conta da Judéia. Foram então tomados pela agitação, temendo que o sol se pusesse, pois Jesus ainda estava vivo e a lei dizia que "o sol não deve pôr-se sobre um justicado".

Um deles disse: "Dá-lhe de beber fel com vinagre". Fazendo a mistura, deram-lhe a beberagem, e cumpriram tudo, preenchendo a medida das iniquidades acumuladas sobre suas cabeças.

Muitos andavam por ali servindo-se de lanternas, já que pensavam que fosse noite, e caíam por terra. O Senhor elevou sua voz dizendo: "Força minha, força minha, tu me abandonaste". Dizendo isso, volatilizou-se e subiu ao céu. Naquele mesmo momento, o véu do templo de Jerusalém rasgou-se em duas partes.

Então tiraram os cravos das mãos do Senhor e o estenderam no chão. A terra inteira tremeu e um enorme pânico sobreveio. Logo o sol brilhou e comprovou-se que era a hora nona. Alegraram-se, então, os judeus e entregaram o corpo a José para que lhe desse sepultura, uma vez que este havia sido testemunha de todo o bem que Jesus havia feito.

Pegando o corpo do Senhor, lavou-o, envolveu-o num lençol e colocou-o em sua própria sepultura, chamada de Jardim de José. Então, os Judeus, os anciões e os sacerdotes perceberam o mal que haviam acarretado para si próprios e começaram a bater no peito dizendo: "Malditas as nossas iniquidades! Eis aqui que chega o juízo e o fim de Jerusalém".

Eu, de minha parte, estava sumido na aflição juntamente com meus amigos, e, feridos no mais profundo da alma, mantinhamo-nos escondidos, pois éramos tidos como malfeitores e como aqueles que pretendiam incendiar o templo. Por todas as coisas, jejuávamos e permanecíamos sentados, lamentando-nos e chorando noite e dia até o Sabat.

Entretanto, reunidos entre si, os escribas, os fariseus e os anciãos, ao ouvirem que o povo murmurava e batia no peito dizendo: "Quando de sua morte, sobrevieram sinais tão assombrosos, como dizer que não foi um justo", fugiram de medo e foram ter à presença de Pilatos em tom de súplica, dizendo: "Dá-nos soldados para que custodiem o sepulcro durante três dias, pois pode acontecer que seus discípulos venham, retirem seu corpo e o povo venha a nos fazer algum mal, acreditando que ressuscitou de entre os mortos".

Pilatos, então, entregou-lhes Petrônio e um centurião com soldados para que custodiassem o sepulcro. Com eles foram também até o túmulo os anciãos e os escribas. Lá, girando uma grande pedra, todos os que ali se encontravam presentes, juntamente com o centurião e os soldados, puseram-se na porta do sepulcro. Além disso, gravaram sete selos e depois de armar uma tenda, puseram-se a fazer a guarda.

Bem cedo, ao amanhecer o Sabat, uma grande multidão veio de Jerusalém e das redondezas para ver o sepulcro selado. Mas durante a noite que precedia o domingo, enquanto os soldados estavam fazendo a guarda de dois a dois, uma grande voz produziu-se no céu. Viram os céus abertos e dois homens que desciam, tendo à sua volta um grande resplendor, e aproximaram-se do sepulcro.

Aquela pedra que haviam colocado sobre a porta rolou com o seu próprio impulso e pôs-se de lado, com o que o sepulcro ficou aberto e ambos os jovens entraram. Ao verem isto, aqueles soldados despertaram o centurião e os anciãos, já que também estes encontravam-se ali fazendo guarda. Estando eles explicando o que acabara de acontecer, viram três homens que saíam do sepulcro, dois dos quais servindo de apoio a um terceiro, e uma cruz que ia atrás deles. A cabeça dos dois primeiros chegava até o céu, enquanto que a daquele que era conduzido por eles ultrapassava os céus.

Ouviram uma voz vinda dos céus que dizia: "Pregaste para os que dormem?". E da cruz fez-se ouvir uma resposta: "Sim". Então eles passaram a combinar como contariam o ocorrido a Pilatos. Enquanto se encontravam ainda confabulando entre si, novamente apareceram os céus abertos e um homem desceu e entrou no sepulcro. Os que estavam junto ao centurião, vendo isso, apressaram-se a ir a Pilatos ainda de noite, abandonando o sepulcro que custodiavam. Cheios de agitação, contaram o quanto haviam visto, dizendo: "Era verdadeiramente o filho de Deus".

Pilatos respondeu desta maneira: "Estou limpo do sangue do Filho de Deus. Fostes vós que assim quisestes". Depois, todos se aproximaram e lhe pediram encarecidamente que ordenasse ao centurião e ao soldados que guardassem segredo sobre o que havia visto, pois é preferível, diziam, sermos réus do maior crime na presença de Deus a cair nas mãos do povo judeu e sermos apedrejados.

Pilatos ordenou ao centurião e aos soldados que não dissessem nada. Na manhã do domingo, Maria Madalena, discípula do Senhor, amedrontada por causa dos judeus, pois estavam cheios de ira, não havia feito no sepulcro do senhor o que costumavam fazer as mulheres pelos seus mortos queridos. Levou consigo suas amigas e foi até o sepulcro no qual havia sido depositado. Temiam, porém, serem vistas pelos judeus e diziam: "Já que não nos foi possível chorar e lamentar naquele dia em que foi crucificados, façamo-lo agora pelo menos em seu sepulcro. Mas quem removerá a pedra que foi deixada à porta do sepulcro, para que possamos entrar e sentar junto a ele e fazer o que é devido? A pedra é muito grande e temos medo de que alguém nos veja. Se isto não for possível, ao menos joguemos na porta o que levamos em sua memória, choremos e golpearemos o peito até voltarmos para casa".

Foram, então, e encontraram o sepulcro aberto. Nesse instante viram ali um jovem sentado no centro do túmulo, formoso e coberto de vestes alvíssimas, que lhes disse: "A que vindes? A quem buscai? Porventura aquele que foi crucificado? Já ressuscitou e se foi. Se não quiserdes crer, acercai-vos e vede o lugar onde jazia. Não está, pois ressuscitou e se foi para o lugar de onde foi enviado".

As mulheres, aterrorizadas, fugiram. Esse era o último dia dos Ázimos e muitos partiam de volta para suas casas uma vez terminada a festa. Nós, os doze discípulos do Senhor, chorávamos e estávamos escondidos na aflição. Cada um, desgostoso pelo sucedido, retornou para sua casa. Eu, Simão Pedro, de minha parte, e André, meu irmão, pegamos nossas redes e dirigimo-nos ao mar, indo em nossa companhia Levi o de Alfeu.